

## O ESPAÇO DO BORDERLINE NA TEORIZAÇÃO WINNICOTTIANA

*Nahman Armony*

Começarei explicando a troca da palavra teoria para a palavra teorização: sendo Winnicott um terapeuta/pensador em devir, seria mais adequado falar das teorias que vão se formando na medida de suas experiências do que de uma teoria que em um determinado momento de sua trajetória ele tenha se colocado a obrigação de fazer para conter o já conhecido. Sua orientação, na minha opinião, sempre foi para o futuro, para o desconhecido; embora entusiasmado com a teoria kleiniana, e conhecedor de outras teorizações de sua época, não se deixava aprisionar por elas. A teoria, pois, ia-se formando na medida em que Winnicott vivia as suas experiências. Ele pode ser chamado de um teórico em devir, o que justamente significa que ele não se preocupa em relacionar seus achados dentro de um sistema coerente, não tendo uma teoria fixa, uma teoria modelar. Nisso ele encontra-se situado naquilo que, segundo Lyotard, é uma das mais importantes características do pós-modernismo: a falência dos grandes sistemas, a substituição “de uma metalinguagem universal” pela “pluralidade de sistemas formais e axiomáticos”. (Jean-François Lyotard – “O Pós-Moderno” p.79) Sua experiência clínica foi permanente fonte produtora de sendas percorridas por um trem teórico que, a cada retomada de fôlego, plantava uma estação conceitual, encimada por uma palavra forte, nomeadora da estação. O trem seguiu caminho semeando estações/palavras/conceitos profundamente enraizados na viagem, na realidade viva da clínica intra e extra-consultório. Sua teoria, sujeita ao devir, é exemplar<sup>1</sup>, repetindo-se diferencialmente, em transformação constante. Por tudo isso há que considerar a possibilidade de se falar de teorizações winnicottianas ao invés de teoria winnicottiana. Aliás, Winnicott nos dá essa dica no artigo “Transtorno (*disorder*) psicossomático” do livro “Explorações psicanalíticas”, p.84: “*Sugiro que qualquer tentativa intelectualizada de tornar fácil a psicossomática se mantenha distante da barafunda muito clínica em que nos atolamos em nosso trabalho real. Descobrimo-nos envolvidos em tentativas de construir uma **teoria**, onde a palavra deveria ser **teorias**, no plural*”. Creio que o que ele fala de psicossomática é igualmente válido para qualquer trabalho analítico/terapêutico.

A palavra sujeito ganhou status psicanalítico quando Lacan usou a expressão “sujeito do inconsciente” para exprimir o esvaecimento de um sujeito que não chega a existir, já que, assim que aparece, deixa de ser sujeito do inconsciente. Este acontecimento cultural logo retroage sobre a obra de Freud e, incidindo sobre a expressão “desejo infantil inconsciente” a transforma em “sujeito do desejo” ou “sujeito do inconsciente” colocando na boca de Freud algo que ele nunca pronunciou como conceito: a palavra sujeito. Mas “sujeito do inconsciente” e “sujeito do desejo” não são os únicos sujeitos aos quais Lacan se refere, ou que se pode fazer surgir no texto de Freud. Não é porém de nosso interesse examinar os vários sujeitos existentes em Lacan e possíveis em Freud. Essa introdução serve para ancorar a busca de um sujeito em Winnicott numa jurisprudência psicanalítica, dando-lhe maior lastro, justamente porque esse autor, tal qual Freud, não usou a palavra sujeito em seu sentido forte de estação de parada.

O verdadeiro self seria o candidato mais cotado ao Óscar de sujeito winnicottiano. Afinal, self facilmente lembra sujeito. Mas, se a escolha tem a ver com propósitos, se pretendo encontrar um lugar winnicottiano para o borderline “brando”, então é preferível que eu siga a trilha desbravada por Thomas Ogden em seu livro “Os sujeitos da psicanálise”. Citando: “No centro do pensamento de Winnicott está a noção de que o sujeito que vive, que experiencia, não existe nem na realidade nem na fantasia, mas num espaço potencial entre as duas. O sujeito winnicottiano não coincide, de início (e nunca coincide completamente), com a psique do indivíduo. A concepção de Winnicott da criação do sujeito num espaço entre o bebê e a mãe envolve vários tipos de tensões dialéticas de unidade e separação, de internalidade e externalidade, por meio das quais o sujeito é simultaneamente constituído e descentrado de si mesmo”(p.47).

Thomas Ogden não nomeia o sujeito do espaço potencial. Eu gostaria de nomeá-lo tornando esse espaço uma morada para o meu borderline. Por quê “meu” borderline se este é um termo já consagrado? Explico-me. Desenvolvi um estudo em que apresento um borderline, digamos assim, não patológico, ao qual, em meu livro, por falta de melhor inspiração, denominei de borderline “normal”. Prefiro, hoje, usar os adjetivos “brando” e “disturbado”(ou “pesado”) em lugar de normal e patológico. Portanto, o equivalente do assim dito neurótico “normal” seria o borderline “brando”.

---

<sup>1</sup>Ver ARMONY, N. - “Borderline: uma outra normalidade”. Rio de Janeiro, Editora Revinter, 1998.

Minha tarefa agora é apresentar aos audientes o borderline brando que deverá ter habilitações suficientes para residir no espaço potencial de Winnicott. A esta tarefa eu deveria acrescentar a de mostrar que o borderline brando tem uma correspondência com o homem pós-moderno dos sociólogos, o que farei em outro artigo. Vocês deverão dar-me um crédito de confiança, acreditando que tal correspondência existe, e, se quiserem, conferi-la em meu livro “Borderline: uma outra normalidade”. Desconfio que, impregnado pela cultura do espetáculo, estou, quase sem querer, mas querendo, estou, repito, fazendo propaganda do meu livro, o que, acredito, me perdoarão, já que a sociedade pós-industrial está mergulhada em uma orgia comunicacional, onde aquilo que não é marketado, malhado, exibido, politizado, deixa de ter existência. Mérito sem barulho é igual a inexistência ou, parafraseando Shakespeare, “muito barulho por tudo” e “muito mérito por nada”, ou, misturando tudo, “muito mérito por barulho” e “muito barulho por mérito”. Mas, deixemos essa salada de lado e vamos ao que interessa.

Como a idéia de borderline brando é nova, chegarei a ela através do borderline tradicionalmente conhecido, o borderline mais ou menos severamente perturbado.

Encontra-se a palavra borderline, na forma de “borderland”, já em 1884 em Hughes, significando que o paciente vivia próximo a uma fronteira que separava a psicose da neurose, “*as vezes de um lado, às vezes de outro*”(cf. Armony, p.91). O que em Hughes aparece na forma de alternância, logo será proferido como mistura de neurose e psicose, uma idéia que perdurará por muito tempo na literatura tanto psiquiátrica quanto psicanalítica. Em 1938, um autor chamado Stern já faz uso de conceitos psicanalíticos para falar do borderline. É a psicanálise se apropriando da palavra, o que vai acontecer com maior intensidade a partir da década de 50. Aos poucos o borderline deixa de ser visto como uma mistura que pode ser decomposta em psicótico e neurótico e passa a se constituir em uma entidade de direito próprio, com uma dinâmica específica que tanto difere da dinâmica do psicótico quanto da do neurótico. O borderline passa a ocupar um terceiro território, o que, para orelhas predispostas, lembra o espaço potencial winnicottiano, criando uma esperança de poder articular esse terceiro território com o terceiro espaço winnicottiano - o espaço potencial.

Ainda hoje há bastante controvérsia sobre o que seja um borderline. Não estou aqui falando do borderline brando, que é uma bolação minha, mas do borderline, digamos assim, patológico. Como acontece com quase todos os termos da psicanálise, borderline é também

uma palavra polissêmica, permitindo diversas visões, que, de alguma maneira, se aproximam e se suplementam. Tentando fazer um resumo direi que o borderline pesado (ou patológico) é polissintomático, ambulatorio, com dificuldades nas relações interpessoais por suas susceptibilidades narcísicas exacerbadas, com problemas na área afetiva, impulsivo, com tendência à atuação, com déficit nas áreas das identificações e da identidade, necessitando de uma circunvizinhança humana para atuar os seus fantasmas, com labilidade de humor, com tendência à dependência afetiva, extrema sensibilidade e susceptibilidade, incomumente permeável ao próprio inconsciente, ao inconsciente do outro e à subjetividade circulante, permeabilidade esta que lhe permite identificar-se continuamente com o que o rodeia. A essa identificação dei o nome de “identificação dual-porosa”, “identificação transitiva”, “identificação contínua”.

Se peneirarmos o borderline acima de maneira tal que restem na peneira características que irão compor o borderline brando, da peneirada sobrar a tendência à atuação, a necessidade afetivo/dinâmica de uma circunvizinhança humana para nela atuar seus fantasmas e realizar seus desejos infantis, a extrema sensibilidade, a incomum permeabilidade ao próprio inconsciente, ao inconsciente do outro e à subjetividade circulante (identificação dual-porosa).

O borderline brando tende mais à multiplicidade do que ao polissintomático, o que significa que ele não inibe os vários aspectos de sua criatividade em favor de um único aspecto, mantendo as suas capacidades disponíveis para serem usadas. No que diz respeito à sensibilidade/susceptibilidade narcísica ela apresenta-se menos como uma ferida e mais como um instrumento de conhecimento do outro; a permeabilidade das fronteiras do eu, que poderia torná-lo vulnerável às afetações do outro mantém-se como sensibilidade que permite conhecer o outro, propiciando o desenvolvimento de afetos e sentimentos pertinentes à relação em curso. Assim, ao invés de um fechamento nas próprias fantasias, há uma abertura para o conhecimento do outro. A permeabilidade das fronteiras, que no borderline pesado pode ser usada contra o outro ou pode dar lugar a um excesso de identificação projetiva e introjetiva, no borderline brando muda de qualidade, transformando-se em identificação dual-porosa, uma identificação que permite um regime de trocas fantasmáticas e afetivas contínuas entre os seres humanos entre si e com o mundo rodeante. A porosidade tanto funciona em relação ao mundo externo (a um outro humano, sim, mas também em relação à cultura, à

natureza, ao planeta), quanto ao mundo interno, isto é, na percepção do próprio inconsciente. Em se tratando do borderline brando, as trocas fantasmáticas e afetivas ocorrem - e aqui adianto a minha tese - em um espaço transicional, o que significa que ao objeto subjetivo superpõe-se um objeto objetivamente percebido. A identificação dual-porosa mostra-se um precioso instrumento de conhecimento, relação e comunicação, permitindo surfar nas ondas do devir, possibilitando ao borderline deslizar e se enlear nas sutis e infindas variações de um mundo em constante mutação. A tendência à dependência do borderline pesado, traduz-se no borderline brando pelo reconhecimento da necessidade afetiva de um outro também dual-poroso, de tal maneira que um regime de trocas, onde vigore tanto o subjetivo quanto o objetivamente percebido, possa ser estabelecido.

O borderline, tanto o brando quanto o pesado trazem como restos/relíquias da infância mais arcaica uma insuficiência de identificações. Essa insuficiência faz com que as fronteiras de um eu ainda incompleto mantenham-se permeáveis ao entorno na esperança de encontrar figuras com as quais realizar as identificações que lhes faltou. As valências identificatórias não se contraem, muito ao contrário, aumentam a sua luz, para tentar retirar do mundo o alimento preenchedor de suas carências. O borderline pesado tenta tapar o seu vazio através de relações simbióticas e fusionais; suas carências, embora eventualmente preenchidas, permanecem atuantes, podendo criar cegas exigências excessivas nos relacionamentos afetivos, sociais e profissionais, o que certamente causará transtornos. Já o borderline brando sobreleva seu vazio através de uma identificação dual-porosa com os seres humanos e com o mundo. Aquilo que no borderline pesado se apresenta como fome de identificações por fantasmas parentais, aparece no borderline brando como uma identificação contínua em devir com os acontecimentos. É justamente esse modo de utilização de sua capacidade de identificação dual-porosa que lhe permitirá tornar-se inovador, criativo, socialmente produtivo.

De todas essas características, a mais relevante para nosso estudo, aquela que poderá nos ajudar a alocar o borderline no espaço potencial será a capacidade de identificação dual-porosa. É esta identificação que permitirá a criação de um espaço singular comum a dois entes, espaço por mim denominado de íntimo. É este espaço íntimo - nem subjetivo, nem objetivo - que nos encaminha para o espaço potencial de Winnicott.

Vamos, pois, examinar o espaço potencial para depois articulá-lo, se possível, com o espaço íntimo do modo borderline de ser/estar.

Começemos com o que Winnicott chama de “momento de ilusão”. O protótipo do momento de ilusão é o seio virtual que o bebê faminto tem em sua mente e o aparecimento desse seio na realidade externa. Segundo Winnicott, o bebê tem a sensação (o senso, a sensibilidade) de ter criado o seio. E aí temos um paradoxo. O bebê cria um seio já existente. Mas como ele ainda não distingue realidade de fantasia, o aparecimento do seio se dá em uma atmosfera de onipotência absoluta. Como diz Winnicott no artigo “Individuação”, p.220 do livro “Explorações psicanalíticas”: “ *O bebê a princípio vive em um mundo subjetivo. Ele existe precariamente e na dependência da figura materna humana. Aqui, e em nenhum outro lugar, há uma experiência de onipotência. Alhures, onipotência é o nome que se dá a um sentimento ou a um delírio, mas no início teórico, o bebê vive desperto em um mundo onírico.*”(p.220). No estágio seguinte dessa seqüência de acontecimentos encadeados teoricamente, a onipotência pode ser chamada de onipotência mitigada. Esse estágio está marcado pela usança de um objeto transicional, um ursinho, por exemplo ou um lençol macio. Vejamos o que Winnicott nos diz: “*O objeto transicional representa o seio, ou o objeto da primeira relação (...) Na relação com o objeto transicional, o bebê passa do controle onipotente (mágico) para o controle pela manipulação (envolvendo o erotismo muscular e o prazer de coordenação).*”(“O Brincar e a Realidade” pag.23). Temos pois a passagem de uma onipotência absoluta para uma onipotência mitigada que aparece com o que Winnicott chamou de “primeira possessão”: o ursinho, ou o lençol, ou algum outro objeto. Da mesma maneira que o seio, o ursinho faz parte do mundo subjetivo da criança, sendo então denominado de objeto subjetivo; porém, à diferença do anterior, é um objeto que já começa a ser objetivamente percebido e portanto limitador da onipotência absoluta. Ele é, pois, ao mesmo tempo, objetivo e subjetivo. A criança utiliza o ursinho como uma possessão; nele ficam colocados os afetos, desejos, medos, necessidades do bebê; o ursinho, pode ser o continente e o símbolo do que quer que exista em seu mundo interno/externo. Porém o ursinho tem uma materialidade que impõe limites na sua manipulação possível. E mais, o mundo interno, externalizado no ursinho ganha uma qualidade paradoxal de um terceiro espaço que não é nem o subjetivo nem o objetivo. O ursinho é ao mesmo tempo subjetivamente usado e objetivamente percebido (e talvez usado).

Vale a pena reproduzir o que Winnicott escreve em seu livro “O Brincar e a Realidade”, na pag.18 sobre objeto transicional e área intermediária: *“O bebê assume direitos sobre o objeto e concordamos com esse assumir. Não obstante, uma certa ab-rogação da onipotência desde o início constitui uma das características (...) Seu destino é permitir que seja gradativamente descatexizado, de maneira que, com o curso dos anos, se torne não tanto esquecido, mas relegado ao limbo. Com isso quero dizer que, na saúde, o objeto transicional não ‘vai para dentro’; tampouco o sentimento a seu respeito necessariamente sofre repressão. Não é esquecido e não é pranteado. Perde o significado, e isso se deve ao fato de que os fenômenos transicionais se tornaram difusos, se espalharam por todo o território intermediário entre a ‘realidade psíquica interna’ e ‘o mundo externo, tal como percebido por duas pessoas em comum’, isto é, por todo o campo cultural”*. Os fenômenos transicionais criam uma área intermediária; nem objetiva, nem subjetiva, é ela um outro *locus*. Winnicott: *“Se for verdade que o objeto transicional e os fenômenos transicionais encontram-se na própria base do simbolismo, acho então que podemos com justiça reivindicar que esses fenômenos assinalam a origem de uma espécie de terceira área de existência”* (...) *“Esta terceira área poderia revelar ser a vida cultural do indivíduo.”* (...) *“...realmente encontramos uma terceira área, uma área do viver que corresponde aos fenômenos transicionais do bebê e, na realidade, deles deriva”*. (“O destino de objeto transicional” IN: “Explorações psicanalíticas”, p. 47).

Temos então aqui uma estória teórica: começa com o “momento de ilusão”, onde a onipotência pode ser chamada de absoluta, atinge os fenômenos transicionais de onipotência mitigada, e amadurece na experiência cultural onde essa onipotência mitigada se expressa como superposição de fantasia e realidade, ou, dito de uma maneira diferencial, como a realização do desejo/fantasia infantil no mundo cultural. Este é justamente um dos diferenciais apontados pelos sociólogos da pós-modernidade; a fantasia e a realidade não mais se distinguem, idéia que traduzida por mim para a nossa linguagem psicanalítica fica assim: o borderline brando realiza as suas fantasias infantis onipotentes mitigadas na realidade social. É dessa forma que a realidade social torna-se amigável para ele, pois ela passa a ser uma extensão de si mesmo. De certa maneira é disso que Winnicott nos fala quando escreve: *“Pode mesmo acontecer que [o borderline] seja capaz de aceitar o que é bom no ambiente como uma projeção simples e estável de elementos emergentes que se*

*originam de seu próprio potencial herdado*”. (“Teoria do relacionamento materno-infantil” IN: “Os processos de maturação”, p.39).

Uma interpretação livre desta frase poderá reforçar a tese deste trabalho. De fato, tanto podemos dizer que o bom do ambiente é vivido como projeção do potencial herdado, como, invertendo a direção mas mantendo o sentido, dizer que o potencial herdado é projetado no ambiente. Esta coincidência entre ambiente e interioridade imediatamente nos remete ao conceito de ilusão, de transicionalidade, de espaço potencial. Se agora pensarmos que o *potencial herdado* pode ser, de um certo ponto de vista, as fantasias originárias freudianas, e de outra perspectiva os objetos virtuais - objetos potenciais, segundo Davi Bogomoletz - de Winnicott, e também pensarmos que os *elementos emergentes* do ser humano necessitam de se expressar, então estaremos perto de dizer que o borderline não só projeta suas fantasias no ambiente como também as realiza. Desta maneira, fantasia e realidade, interno e externo, ao se combinarem passam a constituir uma terceira área, a área intermediária winnicottiana.

O borderline perturbado não tem a capacidade de se manter no espaço potencial, descambando ou para o espaço subjetivo, ou para o espaço objetivo. Por um lado temos um excesso de identificação projetiva e/ou de identificação introjetiva, situação na qual o objeto é percebido subjetivamente; teremos aqui um borderline confuso, com uma certa predominância de sintomas que lembram a psicose. Por outro lado poderemos ter um excesso de intelectualização, de funcionamento de uma racionalidade dissociada do afeto, e então teremos um mundo objetivo sem sentido, um universo fútil. Estou aqui me referindo aos bordelines que funcionam com um falso self dissociado de um verdadeiro self. Personalidades “como se”. Quem se sente à vontade no espaço potencial é o borderline brando; a partir desse espaço potencial é possível dizer que o objeto é objetivamente percebido, o que significa que ele nem é objetivo, nem subjetivo, mas ambos.

O borderline brando é, portanto, um *habitué* do espaço potencial; poder-se-ia também e talvez melhor dizer que quando vivemos o espaço da ilusão (área intermediária) estamos num estado borderline. O borderline nem segue os cânones do social como o neurótico, nem se dispersa improdutivamente como o psicótico. Seu mundo de fantasia, fortemente impregnado de afeto, pressiona no sentido da realização. O borderline não desiste de realizar os seus desejos infantis no social. A realidade impregnada pela fantasia e a fantasia realizando-se no social faz do borderline uma realidade cultural renovadora em devir. O

borderline é um devir-cultura. Sua vida é criação permanente. Uma criação que se realiza em um *locus* que por ser ao mesmo tempo interno e externo, não é nem um, nem outro, mas sim, uma área intermediária, um lugar de intimidade, um espaço potencial, uma terceira área de existência.

outubro/98